

Romeu e Julieta

Igual ao outro só que diferente

Cena I

(Na entrada do teatro há um ator que varre a frente e comenta com o público que espera sobre o que é a peça, entregando o roteiro de Romeu e Julieta original e fazendo comparação com novelas e coisas do cotidiano. Quando as portas se abrem tem outro ator com uma lanterna na mão e começa a pegar os ingressos e indicar os lugares, faz comentários pouco alegres em relação ao teatro. Quando todos estão sentados os dois começam a discutir e fazem uma luta com vassouras, parodiando a luta do início de Romeu e Julieta de Shakespeare. Ficando apenas um no palco, que faz as batidas de Molière com a vassoura, depois sai e abrem-se as cortinas. Entra o narrador vai até o centro e começa a contar a história)

Narrador – Peço silêncio a todos, desliguem os seus celulares, que isso aqui é um teatro, e se vocês não tem educação não sou eu quem vai dar. Duas famílias iguais em riqueza e desavença, inimigas mortais. Porém nem imaginam que dali surgirá um amor lendário. Escrita a milhares de anos, a história já ganhou várias versões e se manteve viva... Até esta noite. A história de amor mais trágica da história das histórias de amor... é uma história cheia de ação, aventura, romance, luz, som e coreografias que foi adaptada para caber em sessenta minutos que são o máximo que vocês conseguem prestar atenção. Uma história cheia de obséquios, pegá-lo-ei, contratar-vos-ei, ei-lo-ei-cos-vos-pos-lhes, que foram cortados pra vocês poderem entender, com vocês Romeu e Julieta de Willian Shakespeare, que ele não saiba disso.

Romeu – Oh noite que tranquilamente se esvai para que surja nova alvorada, guarda os segredos do meu coração até que em frente a tua face novamente possa estar, Guarda também o nome dela, Rosalina, que por sua castidade tanto tem feito meu coração chorar. Mas vamos ver o que diz meu horoscopo...

Radialista – Você de aquário hoje é dia de esquecer qualquer amor não correspondido, pois Júpiter foi convidado para a casa de Saturno e hoje você conhecerá o mais novo grande amor da sua vida...

Baltazar – Bom dia, Senhor.

Romeu – Como assim? Já é dia?

Baltazar – São onze da manhã. O rapaz do correio deixou essa carta que era pro vizinho...

Romeu – Deixa ver. Oh! Oh!oh!oh! Está Colada!

Baltazar – O que diz aí?

Romeu – Deixa eu ler primeiro, né? Aqui diz que haverá uma festa na casa dos Capuletti. Oh! O momento ideal para conhecer meu mais novo grande amor da minha vida.

Baltazar – Mas senhor e Rosalina? Até pouco o senhor era louco por ela.

Romeu - Era, mas as coisas mudam muito rápido, veja aquela tevê que você comprou há dois dias... Já está ultrapassado, aquele celular que eu troquei essa semana é mesopotâmica. Se as coisas ficam obsoletas tão rápido imagine a Rosalina que não tem tantas funções.

Baltazar – Por isso que gosto mais das coisas, a gente demora mais tempo pra enjoar delas e sempre podemos trocá-las por coisas novas, as pessoas não, são grudentas. Mas do senhor eu gosto.

(Saem)

Cena II

Julieta – (Esta no meio do público e vai pedindo passagem até chegar ao corredor. Em voz baixa) Como é difícil ser atriz nesta cidade. Oh! Mas que baile lindo, tenho a impressão que hoje conhecerei o grande amor da minha vida. Oh! Será que conhecerei o grande amor da minha vida? (silêncio, Julieta começa a ficar sem graça) Oh! Será que conhecerei o grande amor da minha vida? (vai até a coxia) será que conhecerei a porcaria do grande amor da minha vida?

(Alguém empurra Romeu que entra se ajeitando e fica de costas para o público, quando percebe vai virando aos poucos)

Julieta – Será esse o grande amor da minha vida? Pelo menos grande ele é.

Romeu – Oh my God! o que é isso que meus olhos veem, de onde vem tamanha beleza? Queria que minhas mão pudessem tocar a orla da beleza que a circunda, não conhecia o que era beleza até esta noite. Como se chama linda donzela?

Julieta – (Rindo) Donzela foi ótimo.

Cena III

Tebaldo – Senhor meu tio, aquele sujeitinho ali que está dançando com Julieta não é um dos filhos do Raviolli?

Capeletti – Sim, acho que sim...

Tebaldo – Mas que ousadia! O Filho do nosso maior inimigo vem a nossa casa nos afrontar! Quer que lhe demos o cacete?

Capeletti – Não, o cacete não, acalme-se. Pelos olhos dele, vejo que está se enamorando por Julieta. Ao cair nas mãos dessa pequena viborazinha ele vai ter o fim que merece... Há, há, há...

Tebaldo – Há, há, há, há...

Cena IV

Julieta – Eu me chamo Julieta Terra Nostra Capelleti Berdinazzi de Esperanza com Passione e carpaccio. Mas pode me chamar de Juju.

Romeu – Julieta Berdina... Mussollin... Capelleti. Mas que nome lindo!

Julieta – E você como se chama?

Romeu – Eu me chamo Romeu Raviolli Soares, mas pode me chamar de RR Soares.

Julieta – Não, não...

Romeu – Se não gosta de R.R Soares pode me chamar de Valdomiro.

Julieta – Não, não é isso, você é dos Raviolli e eu sou dos Capelleti, nossas famílias são inimigas mortais.

Romeu – Não, não pode ser. Agora me recordo sua família é do São Cristóvão e a minha é do São Geraldo. (Cada local de apresentação muda o local de onde são as famílias de acordo com a história da cidade.) (se olham por um tempo)

Julieta – Agora você diz que seu pai...

Romeu – (falando para o pai de Julieta) Papai!

Sr. Capeletti – Er...eu, eu não sou seu pai!

Romeu – Oh! Mas que tragédia. Então quer dizer que minha mãe lhe disse a verdade?

Sr. Capeletti – Não, eu sou pai da Julieta.

Romeu – (falando para Julieta) Então nós somos irmãos?!!!

Sr. Capeletti – Não seu burro, seu pai é aquela besta ali.

Sr. Raviolli – Ei besta não! Isso não estava combinado.

Romeu – Ah! Sim agora me lembro que lembro das brigas e tal.

(Entram o pai de Julieta de um lado e o pai de Romeu do outro começam a brigar em câmera lenta, depois saem do mesmo jeito que entraram)

Romeu – E eram brigas feias. (ainda em câmera lenta até ser censurado por Julieta)

Julieta – Horrorasas!

Cena V

Romeu – Julieta em meus Sonhos de uma noite de verão eu vislumbrei que toda essa briga entre nossas famílias não passa de Muito barulho por nada e agora que você é uma Megera Domada eu tenho certeza que Tudo está bem quando acaba bem, pelo menos foi o que me disse Otelo, o Mouro de Veneza. Mas deixa isso pra lá e me dá logo um beijo, que é isso o que o povo vem ver no teatro. (Se beijam)

Julieta – Oh! Romeu o que é isso no seu bolso?

Romeu – É uma Pastilha mesmo, nunca fico excitado quando estou em cena. Julieta eu quero outro beijo.

Julieta – No duro?

Romeu – Não na boca.

Julieta – Ah Romeu! O nosso amor é proibido.

Romeu – Não importa! Tudo o que é proibido é mais gostoso.

Cena VI

Narrador – De repente, não mais que de repente como fofoca em boca de manicure, a notícia do namoro secreto chega aos ouvidos dos pais de Romeu e Julieta. Então as famílias mortalmente rivais decidem resolver essa questão de uma vez por todas. De uma forma que tradicionalmente se resolve esse tipo de assunto, pois honra se lava é em programa de auditório. (Narrador sai e volta de peruca, como apresentadora de um programa sensacionalista).

Apresentadora – Boa noite, estamos começando mais um programa “Acaso é sua família?” Hoje teremos o tema: “Em briga de família quem tem um olho é porque o espeto é de pau”. Receberemos hoje no programa as famílias Raviolli e Capelleti, que são inimigos mortais desde os tempos em que Shakespeare escreveu esta peça. O único problema é que seus filhos resolveram se apaixonar, despertando um formigamento no coração dos patriarcas de querer ver o outro morto ou trabalhando no comércio local, o que seria a mesma coisa. Vamos receber os nossos primeiros convidados, “Não há um só remédio em toda medicina, porque ela só quer, só pensa em namorar” Sr. Capelleti e sua filha Julieta Capeletti podem entrar. (música tema) Sr. Capelleti Fale-nos um pouco sobre essa rixa que existe entre os Raviolli e os Capelleti.

Capelleti – Minha família não gosta dos Raviolli porquê... Porquê... errr... Sabe que eu nem sei mais como começou. Mas como tudo na vida temos que seguir a tradição e não ficar questionando as coisas.

Julieta – Mas papai o senhor é o ó. Eu já disse que Romeu é diferente de toda essa gentinha, Romeu é artista, tem uma alma sensível, um coração bom e uma mão boba.

Capelleti – Não me venha defendê-lo-ás, se porque os odiava antes eu não sei, agora tenho muitos motivos para odiá-los: Julieta anda arrastando asa para um mcorongo dos Raviolli e minha filhinha só tem catorze anos, idade de inocência e frescor, não de andar de namoricos com um fulano.

Apresentadora – Eu vou ter que discordar do senhor. O senhor está por fora do que são capazes hoje em dia as meninas de catorze anos, pelo que eu sei é capaz do coitado do rapaz não querer nada com ela, e ter sido ameaçado. Não é plateia? Agora vamos ver o outro lado da moeda. Ele é ator, maquiador, batedor de bolo e babá nos fins de semana. “Você não gosta de mim, mas sua filha gosta.” Pode entrar Romeu e seu pai Sr. Raviolli. Boa noite (os pais trocam tapas leves), Sr. Raviolli porque está briga persiste entre suas famílias, não seria possível uma reconciliação em nome do amor dos seus filhos?

Raviolli – Veja só... Sim, até pensei em me reconciliar com a família deles aí, quando o príncipe pediu educadamente sob pena de morte que fizéssemos as pazes. Mas ao descobrir que Romeu andava se engraçando por essa aí, chega me deu náuseas. (os pais se encaram num clima tenso)

Apresentadora – (para a plateia) As coisas estão esquentando, estão aparecendo os podres de ambos os lados e a audiência só aumentando. Porque é isso o que os telespectadores querem ver: a verdade!

Capelleti – Eu sei um segredo funesto da sua família.

Apresentadora – Um segredo funesto vai ser revelado no programa, daqui a pouco depois dos comerciais. (congela, toca vinheta do programa). Voltamos com a revelação de um segredo funesto.

Capelleti – Eu sei um segredo funesto da sua família. O filho dele é envolvido com esse negócio de teatro.

Apresentadora- Para tudo! Vocês ouviram plateia? Teatro! Se bem que o teatro é uma coisa ótima traz muitas pessoas pra televisão, é um ótimo hobby pra quem está desocupado, e ajuda muito quem é tímido, resumindo é uma ótima terapia. Cultura a gente vê por aqui;

Capelleti – Ele só vive macaqueando por ai com um bocado de gente estranha e sem ocupação.

Raviolli – Neste ponto eu concordo com o Sr. Capelleti. Romeu, eu fico sem resposta quando as pessoas me perguntam o que você faz, aí eu digo, teatro, e eles me perguntam, mas ele trabalha? (faz um dramalhão) porque, porque Meu Deus, o que fiz para merecer isso?

Julieta – Ah não, não falem isso o meu Romeu é muito sensível, um ótimo ator, disse que uma vez até um olheiro da Record o viu em cena e pensou em chamá-lo para ser um dos mutantes na novela.

Capelleti – Mas minha filha pense no seu futuro, um olheiro da Record? Só teria futuro se fosse da Globo e já conversamos sobre isso. Além do mais se os filhos puxarem a ele, Deus tenha piedade. Se você se casar com esse papafigo dos olhos de fogo, que vida ele vai te oferecer com o teatro? Se o teatro fosse algo tão bom você não acha que o nosso governo investiria mais nele, ao invés de ficar dando as sobras do que resta?

Romeu – Também né assim não, toda semana mando projeto para conseguir recursos , montar meus espetáculos e sair pelo mundo. Pena que ainda nenhum foi aprovado, mas só porque não consegui juntar os míseros dois mil documentos que eles pedem. Nem preencher aquelas planilhas orçamentárias baseado na álgebra alemã. mas assim que

terminar meu pós doutorado em administração eles vão ver. Mas sua filha estará em boas mãos o mais importante não faltará, que sou eu!

Apresentadora – As discussões estão bem acaloradas, vamos aproveitar que a audiência está lá em cima para eu dar meu recadinho... (improviso com algum produto atual)
Vamos terminando aqui o programa de hoje, queria agradecer a presença dos meus convidados e desejara que encontrei uma solução para que o público tenha o seu tão esperado final feliz. A todos boa noite e até amanhã com mais um programa “Acaso é sua Família” com o tema: “Você nunca me viu no mato numa posição estranha, pra me chamar de veado.” Boa noite.

Cena VII

Romeu – Bom dia bom padre.

Frei Lourenço – Bendicite, e é frei. Mas de onde vens a esta hora? E com este sorriso no rosto?

Romeu – Oh bom padre, estive em deleite do meu grande amor...

Frei Lourenço – É Frei. Oh! Meu Deus a honra de Rosalina foi maculada?

Romeu – Que honra, Que Rosalina! Isso foi um recurso utilizado pelo autor desta belíssima, inesperada e metalinguística peça, para demonstrar como os amores atuais são vãos e a sociedade... rasa. agora estou enamorado por Julieta Capeletti. Bom padre.

Frei Lourenço – Eu já falei que é Frei, mas ela é sua inimiga caspita! Isso já tá parecendo malhação com tanta troca de casal e roteiro tão obvio.

Romeu – Censuravas o meu amor por Rosalina.

Frei Lourenço – O amor não, o amundiçamento!

Romeu – Ah mas sabendo da sua benevolência vim logo lhe pedir para nos casar em segredo Padre.

Frei Lourenço – É Frei, Frei, Frei Porra. Oquei você venceu, traga a infeliz para ver se vocês se aquietam. (Romeu vai saindo) Prudência! Quem tudo come tudo caga!

Cena VIII

Narrador - Como vocês já sabem essa história não termina bem, na verdade nada da certo, mas vocês também já sabem, eu não sei nem porque eu estou aqui? (Alguém grita: - Pra dar pinta.) - ah é mesmo, então nosso herói e sua amada, não veem obstáculos, a não ser a falta de teatro, falta de patrocínio, falta de vergonha... Porque o teatro é um antro de homossexuais, drogados e prostitutas. O teatro e a televisão são obras de Satanás. É madrugada e Romeu vai até o quarto de Julieta, hum mm

Romeu - (chega embaixo da janela de Julieta e começa a imitar animais para ver se ela sai) oh mulher surda!

Julietta – Romeu, Romeu, Romeu... Ro...meu, Romeu... porque te chamas Romeu? Renegas teu pai, despoja-te do nome; ou então, se não quiseres, jura ao menos que amor me tens, porque uma Capelletti deixarei de ser logo.

Romeu – Oh! me chamas apenas de seu nego, que ficarei rebatizado. De agora em diante se isso te causa algum bem não sereis mais Romeu serei Roteu.

Julietta – Romeu! Acho que você está se arriscando demais vindo até aqui. Não sabe que se meu pai lhe pega ele o levará a óbito.

Romeu – Ah! Para quê receio se teu olhar mata mais que atropelamento...

Julietta – Mas é que antes de matar ele sempre castra o infeliz...

Romeu – Ah! É verdade? Nem tinha pensado nisso. Vou embora!

Julietta – Não agora que veio fique, ou o que eles pensaram de você, que é um cotovia medrosa (imitando uma galinha) có, có, có.

Romeu - É um rouxinol meu amor.

Julietta – Cotovia

Romeu – Rouxinol!

Julietta – Cotovia, você acha que eu não sei meu texto?

Romeu – Se ao menos fosse um rouxinol. Tá bom eu fico.

Julietta – Mas pensando bem porque se arriscar tanto vindo até aqui? É certo que te amo, que nunca encontrei um homem para amar mais... nos últimos trinta minutos, mas espero que não fique pensando que eu sou fácil porque se pensas isso de mim, não o quero mais.

Romeu – (a parte) Quem entende as mulheres? (Para Julietta) Claro que não te acho fácil. Já faz muito tempo que nós conhecemos, temos muita intimidade. Além do mais a peça tem hora pra acabar ou você decide se quer ou devolve o dinheiro do pessoal.

Julietta – Não vamos nos precipitar. E ainda tem minha inesperada morte. Mas afinal porque queres o meu amor?

Romeu – Porque o teu amor é como o mar, cheio de inconstantes movimentos gerados a partir do sopro doce e leve do vento. Há lugares em que se pode lavar apenas os pés, mas há outros em que se pode lavar o corpo e também a alma. E há ainda aquela brisa com teu cheiro característico e que a tudo corrói.

Julietta – Ai Romeu como você diz coisas bonitas, aonde você aprendeu isso?

Romeu – Aprendi com o grande poeta Augusto Cury. (Ou improvisado com pseudo poeta local)

Julietta – Ah!

Romeu – Oh! Minha amada nosso enlace já está marcado para amanhã ao meio dia na cela do bondoso padre (o frei grita lá de trás: - É frei.).

Julietta – Meio dia não! Marquei uma hora no cabeleireiro e não posso desmarcar... As três horas tá?

Romeu – (a parte) Começo a pensar em desistir... (Julietta mostra a coxa) Não tem problema meu amor, então te espero às três na cela do Frei. (Frei – Até que enfim)

Cena IX

Narrador – Esta história se passa há muitos anos atrás, época em que as pessoas ainda se casavam, algumas até sem interesses. Com os nossos enamorados não foi diferente, sem que ninguém soubesse do casório, assim economizando na festa e na cerimônia, Romeu e Julietta se enlaçam no matrimônio, com a benção do Frei Damião.

Frei Lourenço – É Lourenço, caramba!

Narrador – Eu prefiro o capuchinho esse Frei é o ó.

Frei Lourenço - Que o céu sorria para este ato santo, sem que horas tristes venham perturbar-nos.

Romeu - Amém, amém! Porém, basta que as mãos nos juntes com palavras consagradas; e que a morte, depois, que o amor devora, faça o que bem quiser. A mim já chega poder chamar-lhe minha.

Frei Lourenço – Bem se vê que não sabes o que é o casamento. O amor é cego, mas o casamento abre os olhos. Mas por outro lado é bom se não fosse pelo casamento os homens achariam que nunca erram. Ai vem à dama. Com pés tão leves que jamais gastarão a pedra do amor eterno.

Romeu – Oh Julietta! Finalmente chegou o momento em que você será minha esposa.

Julietta – Romeu, não sei como conseguimos realizar tal sonho...

Romeu – Também, você disse que só casando...

Frei Lourenço – Vamos logo simplificar este ato: vocês aceitam um ao outro até que o fim da peça os separe de forma trágica e horrenda?

Ambos – Sim.

Frei Lourenço - Eu vos declaro amarrados...

Romeu – Oh! Julietta, por enquanto ninguém poderá saber do nosso casório, ou em vez de núpcias teríamos o meu velório.

Julietta – Fiquemos em silêncio então, meu amado, até que possamos dessa cidadezinha fugir, ouvi dizer que tem uma promoção nas passagens pra São Paulo, pela Itapemirim.

Romeu – Por enquanto, vamos aproveitar nossa lua de mel. No meu quarto ou no seu?

Julieta – Vamos pro meu quarto, que meu pai de nada desconfia.
(Saem os dois suspirando)

Cena X

Narrador – Só que nem só de alegrias se faz uma história e logo as desventuras começaram a acontecer com os enamorados, o pai de Julieta/ ao desconfiar das frescuras que ela sente por Romeu/ decide intervir/, mas nem desconfia que Romeu esta no seu quarto/, nessa hora ao som de uma música tensa, bate na porta do quarto/, Julieta quer saber quem é/, seu pai manda abrir logo que quer falar-lhe/, Romeu se caga de medo/, e corre para pular mas e muito alto/, se esconde então embaixo da cama/, Julieta corre para abrir a porta/, seu pai comunica que ela irá se casar com um dos filhos da família Talharim/, contrafeita ela o renega/, seu pai insiste/, ela diz que ama outro homem/, seu pai porem não lhe dá ouvidos/, e sai para marcar a data do casamento para o próximo sábado/, Julieta cai em prantos.

Romeu – Mas que desgraça! Justo sábado, eu sou adventista.

Julieta – Sabe que há dias estou pensando em fugir.

Romeu – Fugir? Mas fugir pra onde?

Julieta – Para um lugar onde ninguém fosse nos procurar...

Romeu – Então teria que ser um lugar bem insignificante. Mas sabe Julieta acho que não vai dar para fugirmos.

Julieta – Seu cagão medroso!

Romeu - Você, como sempre educada. Mas não e isso. Você esqueceu que aqui e teatro? Não podemos fugir, temos que seguir o texto ou então a peça fica sem um final trágico e lembra-se da abertura que dizia que era a história de amor mais trágica da história das histórias de amor?

Julieta - Quer dizer que nosso amago está encarcerado a essa situação inelutável, cruel, que enlaça nossa existência aqui neste mundo desregrado?

Romeu – Sim... pois é nossa missão desde imemoriáveis tempos nos pavonearmos diante da ribalta para olhares nem sempre atentos, mas sempre famintos dos sagrados, sangue e suor da arte. Na esperança que dentre tantos haja quem sabe um coração sensível. Deste louco coração somos cativos.

Julieta – Como é? Não entendi porra nenhuma!

Romeu - Nem eu, mas foi esse texto que deram pra decorar! (Os dois param e ponderam o que esse trecho quis dizer)

Narrador – Quer dizer que vocês não podem fugir! Ôô!

Romeu e Julieta – Ahhhhhhh... Agora entendi...

Romeu – Mas a gente pode fugir tem uma porta logo ali.

Julieta - E mesmo!

Romeu - Mas não ganharíamos cachê.

Julieta – (dramática) – Ohhhhhhhhh! Meu Deus!!

Romeu – Eu sei, mamãe queria tanto que eu fizesse Faculdade (Universidade local) e eu aqui no Teatro.

Cena XI

Narrador - (volta resmungando) Na cela de Frei Lourenço amigo e cúmplice nas tretas de Julieta, tramam um plano que mudará a história dessa história.

Julieta - Frei, o senhor precisa me ajudar. Meu pai marcou meu casamento com um dos filhos dos Talharim!

F. Lourenço – Mas que ótimo.

Julieta – Mas eu não gosto de nenhum deles, Frei! Eu amo o Romeu!

F. Lourenço – Mas o Romeu é da família Raviolli! É seu inimigo Caspita! Teu pai não pode saber que tu casaste com ele.

Julieta – Ah! Frei, se um inimigo nos trata assim, como deveriam ser os amigos?

F. Lourenço – E o que pretende fazer minha filha?

(Julieta faz cara de interrogação)

F. Lourenço - Já sei qual será a solução! Eu vou te dar um remédio que fara você dormir profundamente. Você tomara um dia anterior ao seu casamento com esse tal Talharim e assim todos pensarão que você morreu. No dia seguinte, você ira acordar pois o efeito do remédio já terá passado e você foge com o teu Romeu.

Julieta – (solilóquio) Deverei tomar esse remédio que o bondoso Frei me dá? Não estará tentando me envenenar com este remédio para acabar com esse enorme tormento? Ou será ele algum revendedor da Herbalife e quer me fazer emagrecer a duras penas? Ou terá ele feito xixi dentro deste vidro e está tentando me pregar uma peça, porque isso está parecendo mesmo xixi. Tomar ou não tomar, *that's the question!*

Julieta – Será que vai dar certo Frei?

F. Lourenço - Não, claro que não! Essa e uma ideia de jerico, mas Shakespeare não conseguiu uma melhor.

Cena XII

Narrador - E então quando todos pensavam que não podia ficar pior, eis que surge ele! (Aponta para trás da plateia) não tem ninguém ali, eu só disse isso pra reforçar a narrativa. Mais notícias ruins, (toca a vinheta do plantão de notícias) Romeu fica sabendo da morte de Julieta.

(Romeu entra lírico com um livro de poemas na mão, ouvindo o cantar dos pássaros abre em um poema e lê)

Romeu – Subi num pé de caju
para pegar jaca
como não tinha manga
Roubaram minha Julieta

Baltazar – O senhor já soube da morte de Julieta?

Romeu – Não, ainda não li os jornais hoje. Espera aí... O que disse?! Juju morreu?!

Baltazar – Sim, senhor. O féretro acaba de sair da casa dos Capeletti.

Romeu – Oh! Meu Deus! Isso não pode ser verdade... Não pode ser...

Baltazar – Mas é... Na verdade ela tomou umas ervas que o Frei Lourenço fez para ela aparentar que está morta, aí mandou alguém lhe avisar que era pra se encontrar com ela no túmulo para esperar ela acordar, mas o mensageiro nunca chegou. E eu como sou burro fui logo contando para o senhor que ela estava morta e o senhor como é mais burro ainda acreditou, e no final o senhor se mata, pensando que ela está morta, depois ela acorda e vê o senhor morto aí ela se mata também e acaba a peça, mas isso o senhor não sabe ainda, porque se não nada disso aconteceria e agora eu deveria apenas dizer que ela está morta. Sim é verdade ela está morta.

Romeu – Eu sei que é, seu imbecil! Só estou dramatizando minha fala! (Para a plateia) Tá vendo como é difícil arrumar um bom coadjuvante.

Cena XIII

(Entra cortejo fúnebre com Julieta em uma rede conduzida por dois atores que choram e gritam, cantam: Noites traiçoeiras)

Narrador – Nota de Falecimento, convite. A família Capeletti anunciam o falecimento de Julieta Capeletti e convidam a todos para o seu sepultamento, o féretro sairá da rua... Agradecem a todos que comparecerem a este ato de fé e solidariedade humana.

Narrador - Romeu visita a defunta, digo, Julieta, Romeu vai até seu túmulo, Romeu sente ao ver Julieta, Romeu coça a cabeça, romeu ...

Romeu – hum, hum.

Romeu - Oh! Destino cruel, o que fiz pra merecer tamanha maldição? Minha amada desfalecida para sempre. Nunca mais vou sorver o néctar de seus lábios, nunca mais vou ouvir o murmúrio de sua voz, não sentirei seu perfume ou tocarei seus cabelos macios e sebosos... minha nossa! Ela ainda está quentinha. A minha vida sem ti não vale nada ... Oh! My Juliety!

Narrador - ele tira um frasco da algibeira, pois naquele tempo não existiam bolsos, e bebe seu conteúdo.

Romeu - Quero ir para junto de ti, minha amada! (E seu corpo tomba em cima do corpo de Julieta)

Narrador - Horas depois, Julieta acorda na sepultura e avista Romeu estrebuchado no chão.

Julieta - Acorda, Romeu! Acorda! Chega de fazer teatro! Vamos nos casar e na semana que vem viajaremos para o Projac fazer novela! Romeu ... Romeu ... ! Ro ... oh! Meu Deus, ele está morto! O príncipe da minha vida está morto! Que desgraça! Como isso foi acontecer justamente agora?

Narrador – Então ela vê o fresco caído no chão, digo o frasco, e se abaixa para apanhá-lo.

Julieta – Você tomou isso, meu querido? Coca cola?! Mas isso é um veneno! Oh! Que sovina! Tomaste todo o veneno, não deixaste nem uma gota, nem uma gotinha! Agora que Romeu é morto é como se o teatro estivesse habitado por espectros que não entendem nada, por mais que eu grite. Eu sou um teatro vazio. Apenas em tua alma eu me via refletida e abrigada. É certo que a lua continuará a brilhar, os rouxinóis continuarão a cantar a poesia ainda há de existir, mas será vazio, como a arte sem paixão. (ergue o punhal de Romeu a sua frente) Seja bem vindo punhal. Eis tua bainha. (Entra todo o elenco e os técnico aplaudindo a performance da atriz que faz Julieta)

Narrador – E assim, como eu havia dito no começo, mas ninguém me prestou a devida atenção, tem se o fim a triste história de Romeu e Julieta a história de amor mais trágica da história das histórias de amor. Grande bosta! (Levanta uma placa escrito The end).

Blackout e é o começo do fim.

Texto: Djaelton Quirino livremente inspirado no texto de Marcelo Stuart que se inspirou livremente no texto de William Shakespeare que se inspirou em folheto da sua época que foi inspirado em Píramo e Tisbe.